



Acta Scientiarum. Human and Social Sciences

ISSN: 1679-7361

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Pires de Araújo, Luciene; Santoro Helmer, Denise; Gomes, Lucy; Fukuda, Cláudia Cristina; de Freitas, Marta Helena

Medo à morte e ao morrer em idosas institucionalizadas e não-institucionalizadas

Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, vol. 31, núm. 2, 2009, pp. 213-218

Universidade Estadual de Maringá

Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307325326012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Medo à morte e ao morrer em idosas institucionalizadas e não-institucionalizadas

Luciene Pires de Araújo¹, Denise Santoro Helmer¹, Lucy Gomes^{2*}, Cláudia Cristina Fukuda¹ e Marta Helena de Freitas²

¹Departamento de Psicologia, Universidade Católica de Brasília, Taguatinga, Distrito Federal, Brasil. ²Programa de Pós-graduação em Gerontologia, Universidade Católica de Brasília, 71966-700, Campus 1, Águas Claras, Taguatinga, Distrito Federal, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: lucygomes@pos.ucb.br

RESUMO. No presente trabalho foi investigada a natureza dos medos relacionados à morte e ao processo de morrer em mulheres idosas, com 60 a 86 anos, identificando convergências e divergências entre dois grupos: 15 idosas institucionalizadas (II) e 15 não-institucionalizadas (INI). Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, conduzidas individualmente e/ou em grupo, fenomenologicamente orientadas, gravadas e posteriormente transcritas. A partir da leitura flutuante do material discursivo, identificaram-se modalidades de medos que se ancoram nas conjecturas de Kastembaum e Aisemberg (1983). Em ambos os grupos, destacaram-se modalidades de medo relacionadas ao processo de morrer: em II, indignidade (40%); em INI, sofrimento pessoal (40%). Encontraram-se, também, outras modalidades não descritas pelos autores referidos, dentre elas: (de)negação e ausência de medo (33,34 e 13,33% para II, 20 e 6,66% para INI, respectivamente). O processo de categorização foi insuficiente para abarcar a complexidade de experiências vividas pelas idosas e respectivas verbalizações. Embora possível compreendê-las a partir de modelos teóricos previamente concebidos, uma série de impressões fugidias relatadas pelas mulheres idosas não se deixaram abarcar em nenhuma espécie de *index*. Os resultados sugerem que a natureza dos medos relacionados ao processo de morrer está também associada às condições biopsicossociais das idosas estudadas: aquelas do grupo II tendem a temer, mais frequentemente que as do INI, o sentimento de indignidade que acompanha o processo de morrer, por estarem dependentes de outras pessoas. Para aquelas do INI, o medo de morrer tende a ser mais frequentemente relacionado a possíveis sofrimentos físicos que ocorram na hora da morte.

Palavras-chave: morte, medo, mulheres idosas, instituição de longa permanência.

ABSTRACT. Fear modalities related to death and dying in institutionalized and non-institutionalized elderly women. In the present work, the nature of fears related to death and the dying process was investigated in elderly women, 60 to 86 years of age, identifying convergences and divergences between two groups: 15 institutionalized (II) and 15 non-institutionalized (INI) elderly women. Semi-structuralized interviews were conducted, individually and/or in group, phenomenologically guided, recorded and later transcribed. From the reading of the discursive material, modalities of fears were identified based on the Kastembaum and Aisemberg (1983) conjectures. In both groups, modalities of fear were detected related to the dying process: in group II, indignity (40%) and for group INI, personal suffering (40%). We also found other modalities not described by the authors, including: denial and absence of fear (33.34 and 13.33% for II, and 20 and 6.66% for INI, respectively). The categorization process was insufficient to encompass the complexity of experiences lived by the elderly women and their respective verbalizations. Although it is possible to understand them from previously conceived theoretical models, a series of impressions told by the elderly women did not constitute any type of index. The results suggest that the nature of the fears related to the dying process is also associated with the bio-psycho-social conditions of the elders: those of group II tend to fear, more frequently than INI, the feeling of indignity that accompanies the dying process, from being dependent on other people. For those in INI, the fear of dying tends to be related more frequently to the possible physical suffering that occur in the time of death.

Key words: death, fear of dying, elderly women, long-stay institution.

Introdução

Os temas envelhecimento e morte são bastante complexos, sendo negados na cultura ocidental atual. Para o ser humano é difícil aceitar que o

envelhecimento chega e, com ele, as transformações que o acompanham, dentre as quais, a perspectiva de finitude da vida. A negação da velhice e da morte faz com que as pessoas tornem-se resistentes para lidar

com e falar sobre elas, numa tentativa consciente ou inconsciente de evitar a dor e o sofrimento. A complexidade, a dificuldade de aceitação e a proibição em se discutir a finitude da vida dificultam a elaboração do medo da morte e do processo de morrer, tanto no âmbito individual quanto no familiar (PY; TREIN, 2006).

Considerando-se o aumento da população idosa no Brasil (IBGE, 2003) e o fato de que o avançar da idade traz a perspectiva de finitude da vida, torna-se relevante estudar quais as reações e atitudes que o indivíduo idoso manifesta em relação à morte. Sendo assim, o atual estudo, que é parte de uma pesquisa mais ampla (FREITAS et al., 2006), focaliza a natureza dos medos relacionados à morte e ao processo de morrer em mulheres idosas em situação de moradia em Instituição de Longa Permanência (institucionalização) e na comunidade (não-institucionalização). Tem, portanto, como objetivo identificar as modalidades de medo à morte e/ou relacionadas à morte e verificar as possíveis convergências e divergências entre os dois grupos estudados.

Os desafios do envelhecimento e da finitude da vida

Família pode ser descrita como o núcleo parental constituído por pai, mãe e filhos. Na cultura ocidental, esta tende a se apresentar cada vez menos estruturada, caracterizando-se por tendência ao enfraquecimento dos laços entre pais e filhos, num modelo liberal que sofreu e continua sofrendo abalos gerados por mudanças ideológicas, filosóficas, econômicas, políticas e sociais. O papel estabelecido pela família no passado é hoje representado por um individualismo que tem levado grande número de famílias a delegar às Instituições de Longa Permanência o cuidado de seus idosos.

De acordo com Martins (2005), vários estudos mostraram que, para a grande maioria dos idosos, a institucionalização é fonte de dor e de tristeza, tendo o enfraquecimento e as transformações das relações familiares conduzido à desvalorização e ao isolamento do indivíduo. Este período passa a representar os momentos finais das vidas dessas pessoas idosas, principalmente quando são internadas em instituições que utilizam o modelo meramente assistencial.

Segundo Prado e Licht (2004), existem diversos fatores de exclusão social, figurando, dentre eles, o acelerado processo de urbanização das cidades, que tem impedido muitos indivíduos idosos de participar da vida em sociedade e impossibilitado a continuidade das relações sociais no meio em que vivem e se movem, comprometendo, assim, sua qualidade de vida. Por outro lado, aliada a outras,

como a dificuldade financeira das famílias e o consequente aumento na jornada de trabalho, a problemática habitacional traz como consequência a diminuição do envolvimento emocional dentro das famílias e a supressão de momentos de lazer em comum, fazendo com que muitas pessoas idosas prefiram, por elas mesmas, a institucionalização. Diante desta realidade, é relevante perguntar como os idosos que vivem na comunidade e em Instituições de Longa Permanência enfrentam a perspectiva de finitude da vida. Estariam experimentando medo da morte ou do processo de morrer? Este medo seria diferente entre os que estão institucionalizados e entre aqueles que continuam convivendo cotidianamente com suas respectivas famílias?

Kastenbaum e Aisenberg (1983) propuseram um modelo para descrever as modalidades de medo e do processo de morrer, nomeando a morte como um estímulo e a reação humana como uma resposta a tal estímulo. Neste sentido, os referidos autores sugeriram um quadro esquemático, em que apresentaram uma série de conjecturas, referentes a medos relativamente mais específicos, suscitados perante o estímulo aversivo da morte, conforme este ataque seja a si mesmo ou aos outros.

O referido modelo, reproduzido na Tabela 1, apresenta três categorias de medo: medo de morrer, medo da pós-vida e medo da extinção, sendo que cada uma delas se distribui em duas outras modalidades, relacionadas tanto ao medo de sua própria morte quanto ao medo da morte de outros.

Na categoria do medo de morrer, registram-se duas modalidades: sofrimento pessoal e indignidade (morte pessoal); sofrimento vicário e desintegração vicária (morte dos outros). O sofrimento pessoal associa-se à indesejável expectativa do sofrimento físico, ou seja, à possibilidade de padecer aflição física, o que caracteriza o morrer como um evento aversivo. A indignidade refere-se à desintegração de si mesmo, tornando-se dependente dos outros e indigno. O sofrimento vicário relaciona-se ao desconforto de presenciar o sofrimento alheio e a demonstração vicária inclui a desagradável previsão do próprio futuro.

Na categoria do medo da pós-vida apresentam-se as modalidades de medo relacionadas ao castigo e à rejeição e/ou retaliação e perda de relacionamento, referindo-se, respectivamente, ao medo do que pode acontecer consigo mesmo após a morte, incluindo os medos de ser castigado e de ser rejeitado por Deus. A retaliação está ligada ao medo engendrado pela culpa, ou seja, dor de ter feito alguém sofrer em vida, direta ou indiretamente, ou ter sido responsável pela morte de outro. Teme-se também a

perda de um importante relacionamento pessoal com aquele que vai morrer.

E, por último, na categoria de medo da extinção, têm-se como modalidades o medo básico da morte, os medos vinculados, o abandono e a vulnerabilidade. O medo básico da morte está ligado à supressão ou ao deixar de ser, que, ao mesmo tempo, funciona como restaurador e multiplicador de outros medos vinculados. O medo da extinção do outro é decorrente da ameaça de abandono e da condição de vulnerabilidade daquele que continua a viver em face da extinção do outro.

Tabela 1. Medos relacionados com a morte: eu e os outros.

Medo	Minha morte	Morte dos outros
De morrer	Sofrimento pessoal	Sofrimento vicário
	Indignidade	Demonstração vicária
Da pós-vida	Castigo	Retaliação
	Rejeição	Perda de relacionamento
Da extinção	Medo básico da morte	Abandono
	Medos vinculados	Vulnerabilidade

Fonte: Kastenbaum e Aisenberg (1983).

No estudo atual, inicialmente consideraram-se as contribuições de Kastenbaum e Aisenberg (1983) como indicativos para se investigar, em mulheres idosas, a natureza e os modos de medo à morte ou ao processo de morrer. À medida que se fez necessário, buscaram-se outros modelos que permitiram o aprofundamento na compreensão dos resultados encontrados.

Material e métodos

Amostra

O atual estudo foi realizado com 30 mulheres idosas, com idade entre 60 e 86 anos.

(70,64 ± 8,0 anos), sendo 15 institucionalizadas (II) e 15 não-institucionalizadas (vivendo na comunidade) (INI). Destas últimas, quatro participavam de programas de qualidade de vida e 11 estavam em atendimento médico. Estas idosas foram entrevistadas na própria Instituição na qual viviam ou nos locais onde realizavam os programas de atividades e atendimentos médicos.

Procedimentos

As mulheres idosas foram convidadas a participar da pesquisa voluntariamente, sendo informadas sobre o tema pesquisado e sobre o sigilo das informações coletadas. O trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Católica de Brasília.

O contato com as idosas institucionalizadas foi feito nas próprias Instituições de Longa Permanência, com autorização prévia de seus respectivos administradores. Estes nos forneceram a relação nominal das mulheres idosas que

apresentavam condições para participar das entrevistas, sendo critérios de inclusão: Teste do MiniMental (FOLSTEIN et al., 1975) com resultados normais e ausência de doenças graves que impossibilitassem a conversação e assinatura do Termo de Consentimento Esclarecido, após explicação dos objetivos da pesquisa.

Quanto às idosas do grupo INI, participantes dos programas de qualidade de vida e em atendimento médico, o contato foi feito pessoalmente pelas entrevistadoras no local em que estas atividades estavam sendo desenvolvidas. Os critérios de inclusão neste grupo foram idênticos aos já descritos.

Para obter informações sobre as modalidades de medo relacionadas à morte e ao morrer, realizaram-se entrevistas conduzidas individualmente ou em dupla. Essas entrevistas foram abertas, fenomenologicamente orientadas (AMATUZZI, 2001), visando colher material descritivo, sendo gravadas e posteriormente transcritas.

Após transcrição do material discursivo, processou-se à leitura flutuante e respectiva sistematização, para proposição da investigação da natureza dos medos relacionados à morte e ao processo de morrer, identificando-se convergências e divergências entre os dois grupos estudados.

Inicialmente, buscou-se identificar as modalidades de medo relacionadas à morte e ao processo de morrer que emergiram durante as entrevistas. Posteriormente, foram colocadas em diálogo com as modalidades de medo descritas por Kastenbaum e Aisenberg (1983) e com algumas contribuições da psicanálise (FREUD, 1974), já que o primeiro modelo mostrou-se insuficiente para abarcar toda a complexidade apresentada pelos depoimentos dos indivíduos idosos.

Para verificar a existência de diferenças significativas nas frequências de verbalizações de idosas institucionalizadas e idosas não-institucionalizadas por modalidade de medo da morte, foi realizado o teste do qui-quadrado.

Resultados

Com base no conteúdo das entrevistas, foram analisadas 43 verbalizações das idosas relativas ao medo de morrer. Dessas verbalizações, 21 emergiram das entrevistas com idosas institucionalizadas e 22 de idosas não-institucionalizadas. As verbalizações foram classificadas, de acordo com seus conteúdos, em quatro modalidades de medo relacionadas à morte e ao morrer: indignidade, sofrimento pessoal, negação e ausência de medo. A frequência de verbalizações características de cada uma dessas modalidades foi obtida separadamente para idosas institucionalizadas e não-institucionalizadas.

Tais modalidades e a frequência de ocorrências estão especificadas na Tabela 2.

Os resultados sugerem que a natureza dos medos relacionados ao processo de morrer está associada às condições biopsicossociais das mulheres estudadas: idosas do grupo II tendem a temer mais frequentemente do que as do grupo INI o sentimento de indignidade que acompanha o processo de morrer, por estarem dependentes de outras pessoas ($\chi^2 = 7,14$; gl = 1; $p < 0,01$). Para as INI, o medo de morrer tende a ser mais frequentemente relacionado a possíveis sofrimentos físicos que surjam no processo do morrer ($\chi^2 = 4,00$; gl = 1; $p < 0,05$). Para as modalidades (de)negação e ausência de medo não foram encontradas diferenças significativas nas quantidades de verbalizações dos grupos II e INI.

As idosas do grupo II apresentaram mais verbalizações relativas à modalidade indignidade do que das demais modalidades ($\chi^2 = 12,7$; gl = 3; $p < 0,01$), enquanto as do grupo INI apresentaram mais verbalizações da modalidade sofrimento pessoal do que das modalidades indignidade, negação e ausência de medo ($\chi^2 = 12,18$; gl = 3; $p < 0,01$).

Apesar de os dois grupos de idosas apresentarem as modalidades (de)negação e ausência de medo, sua frequência foi pequena. Enquanto que no grupo II, a frequência foi de 1 e 4 verbalizações, respectivamente, o grupo INI apresentou frequência de 6 e 2 verbalizações, respectivamente. Além da diferença quantitativa na frequência de (de)negações entre os grupos II e INI, a importância dessas categorias deve ser considerada qualitativamente, visto que outras categorias de medo da morte (castigo, rejeição, medo básico da morte e medos vinculados) propostas por Kastenbaum e Aisenberg (1983) não foram identificadas nas verbalizações das idosas entrevistadas na pesquisa atual.

Curiosamente, além das modalidades discursivas passíveis de serem elencadas dentro da perspectiva de Kastenbaum e Aisenberg (1983) e dos conceitos da psicanálise, encontraram-se verbalizações que não se deixaram reduzir a nenhuma espécie de sistematização teórica desta natureza, por serem respostas essencialmente expressivas, tais como: “Como é que eu vou morrer, meu Deus? Será que eu vou morrer viva?” (INI); “Não quero flores no caixão para não ficar sufocada com o cheiro.” (INI); “Penso que eu morra até me acabar.” (II); “Se tiver medo eu morro, se não tiver também morro.” (II); “Não tenho medo de morrer, mas preciso viver por causa da minha filha.” (INI). Embora algumas destas verbalizações, como esta última, por exemplo,

possam ser vistas também dentro de uma perspectiva psicanalítica - por exemplo, uma espécie de racionalização na qual se ancora a idosa ao falar da necessidade de cuidar da filha -, ela não pode ser reduzida à mera (de)negação, porque viver, para esta idosa especificamente, torna-se mais que uma questão de desejo, sendo muito mais uma questão de precisão e responsabilidade com outrem a quem ainda se dedica na condição de mãe.

Tabela 2. Modalidades de medo relacionadas à morte e ao morrer em mulheres idosas institucionalizadas e não-institucionalizadas.

Modalidades de medo	Definição	Verbalizações (exemplos)	Frequência	
			II*	INI**
Indignidade	Medo de se tornar indigno, dependente dos outros	II - “Peço a Deus que não me deixe doente em cima de uma cama dando trabalho, desgosto e sofrimento para os outros”.	12	2
		INI - “A hora que Deus chamar eu só peço para não ficar em cima de uma cama sendo cuidada pelos outros”		
Sofrimento pessoal	Medo de mortes dolorosas, de sofrer antes de morrer	II - “Peço a Deus que me dê uma morte sem dar trabalho, sem sofrimento e que venha de repente”; “Fico com medo da dor”; “Tenho medo de ser judiada e de apanhar”; “Tenho medo da violência”; “Tenho medo de perder a visão”.	4	12
		INI - “Tem morte que vem com sofrimento”; “Quero morrer de repente”; “Tenho medo de ficar sofrendo, dando trabalho para os outros”; “Quero uma morte tranquila”; “Tenho medo de sofrer”.		
(De) negação	Evitação do mal-estar psicológico ligado a pensamentos ou sentimentos que tenham relação com a morte	II - “Não penso nisso”		
		INI - “Não penso muito na morte”; “Não tenho medo da morte, mas preciso viver por causa da minha filha”; “Não sou encabulada com a morte”.	1	6
Ausência de medo	Não ter medo de morrer	II - “Não tenho medo de morrer”	4	2
		INI - “Não tenho medo de morrer”		
Total de verbalizações			21	22

*II – Idosas Institucionalizadas; **INI – Idosas Não-institucionalizadas.

Discussão

Segundo Martins (2005), a maioria das Instituições de Longa Permanência alberga mulheres idosas, brancas, solteiras, pobres, que vivem sozinhas, com comprometimento de suas atividades da vida diária e de seus estados cognitivos. Este fato

vem corroborar a dificuldade, no presente estudo, de se encontrar indivíduos idosos do sexo masculino. Sendo, assim, elegeram-se, como sujeitos, representantes do gênero feminino.

Em relação às idosas do grupo II, 12 relataram medos relacionados à morte e à indignidade pessoal. Uma hipótese para este achado é de que estas idosas institucionalizadas estejam em contato com outras idosas que são fisicamente dependentes de cuidados. Esta participação vicária na dependência que a companhia da instituição desenvolve traz uma visão do futuro e medo do processo de morrer. Em relação às mulheres idosas do grupo INI, elas relataram medos referentes ao sofrimento pessoal, ou seja, à possibilidade de padecerem aflição física por morte dolorosa. Nestes casos, os antecedentes sociais e familiares parecem ser mais importantes, por estarem mais presentes.

Segundo Freitas (1991, p. 43), a modalidade (de)negação, em sua forma mais direta e simplificada, consiste em acrescentar um “não” frente a um conteúdo ideativo verbalizado, caracterizando uma resistência emocional em admitir determinado fato ou afeto. Neste caso, a verbalização por parte de idosa do grupo II - “não penso nisso” - é um exemplo típico. Martins e Silva (1995) explicam que, para Freud (1974), o processo de (de)negação consiste em tomar conhecimento de um conteúdo afetivo recalcado (por isso, ele fala em “suspensão do recalco”), não implicando plena aceitação de tal afeto. Portanto, o conteúdo recalcado só pode ser trazido à tona por meio de transformação em falsidade na qual o “não” serve para fazer a separação gramatical entre os termos conscientes e inconscientes. Neste caso, então, ao colocar o não frente ao conteúdo ideacional “medo da morte” ou “pensar na morte”, a idosa pode estar se protegendo da angústia suscitada por este conteúdo; ao mesmo tempo, pode estar mantendo a sua própria imagem “mais elevada” perante a entrevistadora ou mesmo perante aqueles que lhe são queridos e a quem não quer “causar” decepções, preocupações e consternações. O fato de se encontrar mais frequentemente esta modalidade entre as idosas do grupo INI é indicativo de que estas estão, de modo geral, com um eu mais estruturado para mobilização das defesas psíquicas do que as idosas do grupo II. Estas defesas são necessárias para manutenção do senso positivo de si mesmas, mas também apontam para um esforço constante a fim de manter esta mesma imagem preservada perante os outros. Isto ajuda a compreender a menor frequência da modalidade de medo descrita como indignidade neste grupo de idosas, em comparação com o grupo

das idosas do grupo II. Neste último grupo, encontram-se idosas que (de)negam menos o medo da morte, mas assumem, conscientemente, o medo do sentimento de indignidade que pode acompanhar o processo de morrer, à medida que se encontram mais desprovidas daquelas defesas psíquicas que minimizariam tais sentimentos. Por outro lado, encontra-se também neste último grupo uma maior frequência de ausência do medo da morte, como se a morte fosse até menos perigosa, do ponto de vista psíquico, do que propriamente o sentimento de indignidade a que se veem expostas.

A ausência de medo da morte, embora apontada em categoria à parte nesta pesquisa, em alguns casos pode-se remeter a mecanismos denegatórios. O não ter medo da morte pode ser uma posição sustentada racionalmente, visando a evitação do contato mais profundo com as emoções a ela relacionadas. Neste caso, pode estar relacionado não apenas a uma defesa inconsciente, mas também à menor valorização do viver nas condições atuais, face à perspectiva de continuidade de uma vida melhor após a morte. Sendo assim, os resultados do atual estudo sugerem que as idosas dos dois grupos apresentam medos relacionados à morte e/ou ao processo de morrer, porém recalcam, em maior ou menor medida, os conteúdos que não conseguem aceitar, ou seja, algumas vezes a aceitação consciente da morte não se faz presente nas mulheres idosas dos dois grupos.

O atual estudo mostrou que o modelo de Kastenbaum e Aisenberg (1983) foi útil para sistematizar e descrever as reações conscientes à morte. Entretanto, o processo de categorização mostrou-se insuficiente para abarcar toda a complexidade da experiência vivida pelas idosas em relação à finitude da vida. Embora possível compreendê-las a partir deste modelo teórico previamente concebido, séries de impressões fugidias relatadas pelas mulheres idosas não se deixam abarcar em nenhuma espécie de índice. Ou seja, elas permitem entrever elementos que não se deixam abarcar apenas pela dimensão consciente, daí as contribuições dos conceitos psicanalíticos, conforme apontado anteriormente. Por outro lado, a expressividade do discurso das mulheres idosas sobre a morte mostra a riqueza da experiência humana, que se recusa a ser meramente enquadrada em esquemas de categorização. Tendo em vista que as respostas de cunho expressivo comportam elementos fundamentais para maior alcance das vivências (*Erlebnisse*), estudo qualitativo sobre este tema está em andamento, ancorando-se na fenomenologia enquanto postura filosófica que permite aprofundar mais significativamente a

compreensão do fenômeno humano, neste caso especificamente, o modo como as idosas, institucionalizadas e não-institucionalizadas, sentem e elaboram a perspectiva da própria finitude.

Referências

- AMATUZZI, M. M. Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas. In: BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F. (Org). **Psicologia e pesquisa fenomenológica**: reflexões e perspectivas. São Paulo: Omega, 2001. p. 15-22.
- FOLSTEIN, M. F.; FOLSTEIN, S. E.; McHUGH, P. R. "Mini-mental state". A practical method for grading the cognitive state of patients for the clinician. **Journal of Psychiatry Research**, v. 12, n. 3, p. 189-198, 1975.
- FREITAS, M. H. **A (De)negação da morte no contexto hospitalar: um estudo teórico-clínico**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília, 1991.
- FREITAS, M. H.; ALVES, V. P.; FUKUDA, C. C.; GOMES, L. **Religiosidade e atitude diante da morte em idosos**. (Relatório de Pesquisa aprovado pelo Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão - Consepe, Universidade Católica de Brasília – UCB, iniciada em 2004 e concluída em 2006).
- FREUD, S. **A negativa**. Edição Standart Brasileira das obras completas de Freud, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 295-300. (Tradução do original alemão, publicado em 1925).
- IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>> Acesso em: 20 out. 2003.
- KASTENBAUM, R.; AISENBERG, R. **Enfrentando o pensamento de morrer**. Psicologia da morte. Edição Concisa. São Paulo: Pioneira, 1983.
- MARTINS, L. A. A exclusão social do idoso institucionalizado: a visão familiar. **A terceira Idade**, v. 16, n. 32, p. 66-79, 2005.
- MARTINS, F.; SILVA, M. H. F. Acerca da (de)negação em Freud. **Revista Universa**, v. 3, n. 2, p. 465-468, 1995.
- PRADO, A. R. A.; LICHT, B. F. Idosos, cidade e moradia: Acolhimento ou confinamento? **A terceira idade**, v. 15, n. 29, p. 80-91, 2004.
- PY, L.; TREIN, F. Finitude e infinitude: dimensões do tempo na experiência do envelhecimento. In: FREITAS, E. V.; PY, L.; CANÇADO, F. A. X.; DOLL, J.; GORZONI, M. L. (Ed.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p. 999-1020.

Received on April 27, 2009.

Accepted on August 19, 2009.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.